

A praia do Porto da Barra como oportunidade de folkcomunicação: a comunicação do corpo gay³

Guilherme Moreira FERNANDES⁴
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

RESUMO

Este ensaio monográfico apresenta um estudo de caso sobre grupos de homossexuais que frequentam a Praia do Porto da Barra em Salvador, a partir de uma abordagem fenomenológica, com método obser-

³ Trabalho apresentado no GT 1 - Teoria da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia da XXI Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

⁴ Professor adjunto do Centro de Artes, Humanidades e Letras e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Presidente da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. Integrante do GP Corpo e Cultura (CNPq/UFRB/UFBA). E-mail: guilherme.fernandes@ufrb.edu.br.

vacional, constituída de observação participante e autoetnográfica com amostragem por tipicidade. Está inscrito nos estudos de comunicação e cultura e, mais especificamente, nas teorias da folkcomunicação e da moda tribal. Realiza-se a descrição e análise do processo folkcomunicacional corpóreo entre a audiência folk (usuários da folkcomunicação).

Palavras-chave: Folkcomunicação; Corpo; Moda; Homossocialidade. Comunicação do sexo.

Introdução

A Comunicação ocupa uma centralidade na concepção e percepção da sociedade contemporânea. A comunicação pode ser tanto mediaticizada como midiaticizada e, em ambos o caso, o corpo humano constitui-se como condição para o estabelecimento de relação de consciências - a concretização do processo de comunicação. A Comunicação também não se dissocia da cultura e as práticas culturais (*ethos*) são também práticas comunicacionais.

Maffesoli (2006) chama atenção para *O tempo das Tribos*, em que grupos identitários se formam e se reúnem em espaço público para (com)partilhar experiências em torno de algo que os uniu. Não são grupos homogêneos, mas possuem um código comum e compartilhado, o que provoca um “familiarismo” natural, pelo uso político: são pessoas próximas, ainda que nunca tenham se visto. No limite das tribos, formas específicas de comunicação são desenvolvidas de forma endógena. Esta forma (e os meios por ela utilizados) foi denominada de Folkcomunicação por Beltrão (1980), que a distingue da forma “universal” da comunicação social, pois: ‘enquanto os discursos da comunicação social são dirigidos *ao* mundo, os da folkcomuni-

cação se destinam a *um* mundo em que palavras, signos gráficos, gestos, atitudes, linhas e formas mantêm relações muito tênues com o idioma, a escrita [...] das classes integradas da sociedade' (BELTRÃO, 1980, p. 40, *grifo do autor*).

É neste cenário epistêmico que buscamos uma abordagem fenomenológica a partir do método observacional para investigar as formas de comunicação de grupos de homossexuais que frequentam a Praia do Porto da Barra, fazendo dela um espaço de homocidade. Desta forma, se busca perceber como a comunicação entre corpos acontece num espaço formado por um grupo específico e detentor do mesmo código simbólico-cultural-comunicacional, em outras palavras, a caracterização de uma comunicação que é interpessoal/intergrupar e endógena. Trata-se também de incluir a praia dentro do que Beltrão (1980) denominou de 'grandes oportunidades de comunicação' utilizados por grupos marginalizados para exercício de sua cidadania.

O estudo parte da concepção do corpo como meio de experiência, portanto, meio de comunicação e, no caso estudado, meio de folkcomunicação. Naturalmente, não há um único corpo que se apresenta ao grupo. No âmbito das tribos se considera os corpos politeístas, ou seja, diferentes, plurais, diversos. Trabalha-se aqui com a noção de que o corpo exerce a performatividade de gênero, que para Butler (2016, p. 35-36) 'atrela às maneiras diferenciais em que sujeitos se torna elegíveis ao reconhecimento. E o reconhecimento depende, fundamentalmente, da existência de meios, de uma forma de apresentação na qual o corpo pode aparecer'.

Da mesma forma em que o corpo exprime comunicação, a moda enquanto fenômeno cultural, é responsável por evidenciar a comunicação do corpo, indo além da percepção das gestualidades. Para Ci-

dreira (2013), as formas e dinâmicas da moda tem articulação com a imitação e a distinção, com importância para o pertencimento tribal. A moda então é associada ao modo de aparecer do indivíduo e de sua expressão. No ambiente de praia, pensamos também na função de exibição corporal a partir da vestimenta.

Schaden (2015) apresenta a Antropologia da Comunicação como a responsável por diagnosticar o *ethos*. Ainda que a área padeça uma maior solidez conceitual, como expressa Rüdiger (2015), o uso da etnografia na comunicação é recorrente como método de observação para estudos de caso. Para esta análise, se recorre a “antropologia de nós mesmos” que leva em conta a subjetividade transpessoal e o autobiográfico, cujo pesquisador também se enquadra como parte daquele grupo estudado, com comportamentos semelhantes, cuja observação não deixa de ser participante, indo além da etnografia clássica, como defendem Souza (2012) e Barreto (2017). Não se realizou uma observação sistematizada, não se privilegiou dias específicos e não se optou por longas descrições do grupo, como recomenda Rüdiger (2015). A frequência ao espaço pesquisado aconteceu durante todo o verão de 2023. O ensaio é um esboço do uso do método típico da Antropologia para o campo da Comunicação com aplicação em estudo de caso folkcomunicação. Os grupos de homossexuais são entendidos como fenômeno, portanto dotado de uma história. Sendo assim, torna-se mais um acontecimento da história da sexualidade.

Contextualização histórica

‘Dia de luz, festa de sol / Um barquinho a deslizar / No macio azul do mar / Tudo é verão, amor se faz / Num barquinho pelo mar / Que desliza sem parar’ os versos de Ronaldo Bôscoli que marcam o movi-

mento da Bossa Nova saúdam o mar do Rio de Janeiro, da mesma forma como a Bahia é exaltada por Vinícius de Moraes: ‘Um velho calção de banho/ Um dia pra vadiar /O mar que não tem tamanho / E um arco-íris no ar/ Depois, na Praça Caymmi/ Sentir preguiça no corpo/ E numa esteira de vime/ Beber uma água de coco/ É bom/ Passar uma tarde em Itapuã (uh-ih-ih-ih)/ Ao sol que arde em Itapuã (que arde em Itapuã)/ Ouvindo o mar de Itapuã/ Falar de amor em Itapuã (falar de amor em Itapuã)’.

O Barquinho e Tarde em Itapuã são exemplos do imaginário sobre o descanso e sensação de relaxamento provocada pela experiência com o ambiente de praia. Barquinhos, coqueiros, espreguiçadeiras, água de coco ajudam a construir o sentimento de paz e tranquilidade.

Liberdade é outra sensação permitida, e nesse ponto é salutar intercalar o sentimento com os trajes utilizados no ambiente. Ali é o espaço em que corpos pouco vestidos se apresentam. Os centímetros de tecido utilizados pelos frequentadores foram diminuindo no curso do século XX, da mesma forma que outros materiais passaram a ser utilizados. A liberdade corpórea não foi conquistada sem que escândalos fossem noticiados.

Neste âmbito, a notícia de maior destaque envolve a atriz carioca Leila Diniz [1945-1972], em 1971, quando grávida, se permitiu fotografar de biquíni na praia de Ipanema, na zona sul carioca. Quase dez anos depois, foi um corpo masculino que causou escândalo. Em 1980, de volta do exílio na Grécia, o jornalista Fernando Gabeira [1941-] vestiu uma tanga de crochê e foi à praia de Ipanema

Leila Diniz e Fernando Gabeira são exemplos do uso do corpo como instrumento político, cuja repercussão foi responsável por mudanças de comportamento. Uma mulher grávida ou um homem de tanga já não causam estranhamentos. No entanto, práticas como o topless

ainda são enquadradas como atentado ao pudor, ou seja, não podemos falar de liberdade corpórea plena em um espaço público como a praia urbana, embora ela se caracterize como palco de expressão.

Os dois casos são exemplos do comportamento sexual brasileiro e chamarizes para a percepção de uma nova moral no cotidiano dos centros urbanos, especialmente nas faixas litorâneas. É neste âmbito que este texto insere a praia do Porto da Barra, em Salvador, como palco de comunicação corporal gay, que em outros espaços seriam entendidos como escândalos, guardadas as devidas proporções, com os mesmos julgamentos manifestados aos olímpianos utilizados como exemplo: Leila era lida como “prostituta”, em oposição ao ideal da “mulher normal”, casta e que não sente e nem precisa de prazer. Já Gabeira, ao abrir mão da virilidade, foi apresentado como “pervertido” cuja sexualidade era “anômala”.

O desenvolvimento da história do corpo e da sexualidade a partir de Foucault (1988) nos permite ir além da moral sexual manifestada no senso comum sociologicamente generalizado. Nos interessa aqui a história do corpo e da sexualidade marginalizada, mas hoje reivindicada como resistência aos valores opressores oriundos do processo civilizatório, do patrimonialismo e do patriarcalismo somatizados em tempos sombrios. O corpo é uma forma de resistência ao fugir dos padrões heteronormativos.

O corpo gay e o espaço GLS

Os estudos *queer* rompem com a perspectiva identitária e da promoção de imagens positivas instituídas como valor agregador. A noção da desconstrução e da marcação da *Différance* presente na obra de Derrida ganha novos contornos ao se pensar “corpos estranhos”

(LOURO, 2004). Brandão e Fernandes (2013) percebem a fratura do mito de uma identidade gay unificada e unificante.

Desta forma, também se atesta significativos avanços nas proposições de análise corpórea em que o corpo gay assume (re)(-a)presentações para além da exaltação da virilidade e do ideal espartano típicas do território de socialidade masculina. Os espaços de homosocialidade não são apenas privados, associativos ou de acesso restrito, eles se expandiram no cenário urbano e a praia do Porto da Barra pode ser entendida como um desses espaços específicos para socialidade homossexual.

O site Guia Gay Salvador, na seção Roteiro LGBT, elenca três points (espaços públicos): Praia do Buracão, apresentada como “ideal para relaxar”, Praia do Porto da Barra “a mais gay da cidade” e Sofá da Hebe “local de encontro arco-íris”.

A Praia do Porto da Barra é assim apresentada aos turistas:

À frente, a Baía de Todos os Santos. À esquerda, o Forte Santa Maria. À direita, o Instituto Mauá. Na areia, um arco-íris constante. A Praia do Porto da Barra, relativamente próxima ao famoso Farol da Barra, é o trecho mais gay do litoral soteropolitano, com muitas oportunidades de paquera e clima descontraído pelas rodas de amigos. De águas calmas e ótima para banho, a praia fica próximo ao Largo do Porto da Barra, que oferece sorveteria, bancos para se sentar e bares populares. Os melhores dias para o agito são o sábado e o domingo. Ao entardecer, principalmente no domingo, a movimentação se muda para o parapeito da calçada, no Sofá da Hebe. Eleito três vezes como o melhor point LGBT de Salvador pe-

los leitores do Guia Gay Salvador em 2015, 2016, 2017 (PRAIA... s/d, on-line).

Sobre o Sofá da Hebe, o site diz:

Ao entardecer, principalmente no domingo, tanto os que curtiram a Praia do Porto da Barra quanto os que não pisaram na areia se direcionam a uma mureta. A diversão é certa. Eis o Sofá da Hebe. A pedida é encontrar amigos ou fazer novos, conversar, beber algo, comer um acarajé ou tomar um sorvete. A mureta, que delimita a Praia do Porto da Barra, fica próxima ao Instituto Mauá. Em reforma da orla, em 2015, a calçada ganhou iluminação e piso de madeira: mais motivos para você apenas descontraír sem maiores preocupações (SOFÁ... s/d, on-line).

Embora seja elencada como “a praia mais gay” de Salvador, ao contrário da Praia do Buracão, não se trata de um espaço monosssegmentado. A Praia do Porto da Barra é a “queridinha” dos soteropolitanos. É possível ver a convivência pacífica entre públicos extremamente diversos, sendo também um espaço de exercício político do “ser”, lugar de afirmação. No entanto, é possível constar que trata-se de um espaço do que hoje o turismo chama de *gay friendly* (amigável a gay) ou a publicidade dos anos 1990 batizou de GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes): são espaços em que gays e lésbicas são bem tratados, ou seja, são como “pessoas normais”. No âmbito do cotidiano, essas expressões não são sinônimas do que o movimento identitário chama atualmente de LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e outros grupos e variações de sexualidade e gênero), a tal “sopa de letrinhas” que mais

confunde do que une as pautas comuns de grupos absolutamente diversos e que se confrontam na demarcação política e territorial.

No âmbito das homossexualidades, se percebe a presença de todo o grupo, mas o protagonismo é dos gays, ou seja, homens, cisgêneros, com pênis e que se sentem sexualmente atraídos por outros homens cisgêneros, ainda que não exclusivamente. Ao passo que a praia se constitui como um dos espaços públicos com expressivo número de turistas, a frequência majoritária é dos soteropolitanos. Especialmente nos finais de semana, os moradores da periferia de Salvador dominam a região e o corpo negro se torna majoritário - o que não elimina as práticas de racismo da elite.

Tais pressupostos nos levaram a pensar no sentido comunicacional daqueles corpos. Trata-se de um deslocamento da centralidade da sexualidade, pois não nos interessa confirmar a orientação sexual, mas sim entender o que o corpo está comunicando. As formas de percepção da comunicação corpórea são múltiplas, com variáveis inúmeras. O “repertório cultural” é fator determinante para as diferentes e legítimas leituras sociais ao se ver defronte a um “corpo estranho”, exótico ou não familiar. Múltiplos sentidos são vivenciados, por isso estabelece-se como recorte entender o sistema de folkcomunicação que é dirigido a um grupo específico, neste caso, o que Beltrão (1980) chamou de “grupos eróticos-pornográficos”. LGBTQIAP+ são considerados como uma das “audiências”, a audiência folk. Nesta percepção, o corpo é pensado como um instrumento político em que semelhantes, ou seja, os que dominam o mesmo código simbólico-cultural-comunicacional, fazem leituras específicas e diferenciadas do público não detentor dessa cultura/forma de comunicação.

Woitowicz e Fernandes (2017) demarcam formas de (folk)comunicação dos grupos homossexuais, sendo a comunicação interpessoal tribal entre corpos uma das expressões ou dispositivo de mediação:

O uso militante do corpo como forma de comunicação assume relevância na compreensão das lutas em torno das políticas de identidade [...] Tratam-se de práticas e manifestações culturais próprias de grupos e minorias sociais que transitam entre o reforço a determinados estereótipos e a afirmação da diferença, caracterizando um tipo de pertencimento coletivo. [...] O sentido de disputa nas relações de poder se expressa, [...] em conteúdos que contestam as normas e padrões ligados à heteronormatividade, em um processo de reconhecimento das lutas contra as hierarquias de gênero repercutem no tecido social, tensionando valores, comportamentos e práticas que historicamente serviram para justificar discriminações e desigualdades (WOITOWICZ; FERNANDES, 2017, p. 248-249).

A comunicação tribal – aqui nos valendo do conceito de Maffesoli (2006) – se materializa em espaços de socialidade. Sendo assim, tanto a Praia do Porto da Barra e como o Sofá da Hebe são pensados como espaços públicos de construção da homosocialidade, que para Maffesoli (2007) seu entendimento requer esforço, pois:

Trata-se, contudo, do esforço de um pensamento que possibilita, sem julgamentos a priori, sem espírito preconceituoso, enxergar, nas “leis da imitação”, no deslizamento da identidade forte às identificações frágeis, uma outra maneira de viver a relação com a alteridade. Enfim, para além de

uma esquizofrenia judaico-cristã, de essência patriarcal, é a integridade do ser que está em questão na noção de homossocialidade (MAFFESOLI, 2007, p. 10).

Indo além das aparências, propõe-se a refletir os politeísmos corporais presentes nessa arena em sua dimensão folkcomunicativa. Assim, passe-se a associar a moda do corpo sexuado a comunicação do sexo com objetivos de sedução, pois estão entrelaçados por condição. O estudo se dá a partir da amostragem por tipicidade, observadas a partir da formação de tribos homossexuais na Praia do Porto da Barra, durante o verão de 2023.

A comunicação do sexo e o corpo sexuado

Os grupos começam a se formar por volta das quatro da tarde no canto direito da praia, próximo ao Marco de Fundação da Cidade e ao Forte São Diogo. As cadeiras perdem a função e diversas rodas de conversa entre homens se formam. Os múltiplos gêneros musicais ecoados durante todo o dia cedem lugar à música de paredão. É o momento em que os corpos se destacam e é possível perceber semelhanças de comportamentos e a comunhão de um mesmo repertório cultural.

Ali o objetivo da comunicação é a paquera e o jogo de sedução, a área da praia pode ser entendida como uma pista de boate, cujo principal marcador de referência é a vestimenta utilizada. Na areia, todos estão de sunga ou saída de praia. Ao comunicar o sexo, o erotismo é materializado pela moda, sendo o formato da sunga um marcador de diferença em virtude da preferência de posição sexual: ativos ou passivos. No jogo da folkcomunicação não há espaço para o meio termo, o que exige dos versáteis a opção para aquele momento (o que, por

vezes, se revela de forma diferente no momento da interação sexual - etapa em que outras formas de folkcomunicação são utilizadas).

A predominância são os diferentes modelos desenvolvidos pela marca baiana *Closet Clothing*. Desta forma, a marca e seus produtos se tornam o primeiro elemento elegido para análise por serem a materialização do principal meio de comunicação: a sunga.

Desde 2011, a marca confecciona peças próprias. Sua principal loja física localiza-se no Porto da Barra e a *Closet Clothing* pode ser considerada também um *case* de sucesso no âmbito do empreendedorismo.

A marca é quase onipresente entre os gays do Porto da Barra e é possível verificar o uso de diversas linhas. Em consulta ao Instagram da marca, selecionou-se alguns modelos que são capazes de exemplificar as pessoas que encontramos tantas vezes naquele espaço. Embora tenha produzido algumas fotografias, em consonância ao princípio ético da pesquisa, optamos por representar o grupo estudado a partir dos modelos da marca.

Figura 1, 2, 3: Modelos negros e malhados com a sunga Closet, 2022/2023



Fonte: <https://www.instagram.com/sungacloset/>, 2023.

Estas sungas são da linha *Classic Cult*, composta com 86% Poliamida e 14% Elastano, com forro na frente e atrás. Serve cinturas de 38 a 52 centímetros, sendo as variações do tamanho lateral de 10 a 22 centímetros, tamanho considerado longo para passivo, portanto são mais utilizadas pelos que performam a virilidade do ativo, por isso uma das estratégias chamativas de sedução é arrancar o forro da frente.

Corpos malhados são predominantes nos que utilizam este modelo, afinal é preciso mostrar o resultado do treino e ser admirado por isso, são biscoiteiros assumidos. O atributo de sedução são os músculos. Na comunicação sexual o corpo é constantemente autoapalpado, sobretudo o bico do peito: a sensação causa prazer e ajuda a ereção.

O tamanho do pau não é uma preocupação, mas a sunga ajuda tanto a demarcar o volume como é confortável por quem não está com essa intenção.

Também disponível lisa ou estampada, a linha Brief Cult é a preferida dos passivos, pois o tamanho da lateral é menor, o que atrai a atenção maior para a bunda malhada. Este modelo tem a mesma composição e veste cinturas de 38 a 44 cm, com lateral de 6 a 9 cm. Outra opção é a Linha Retrô, que veste de 38 a 52 centímetros de cintura com laterais de 7 a 10 centímetros.

Os outros modelos de sunga presentes são de marcas esportivas como Adidas e Sand Walk e a grife Reserva. Neste sentido, a sunga ganha uma forma de moda e não de objeto do vestuário cotidiano. Elas estão sempre com aparência de novas, é um investimento.

Além de músculos, outros atributos do corpo chamam a atenção no jogo da sedução: a tatuagem e o cabelo. Não há um padrão de tatuagens, mas trata-se de uma marca presente na maioria dos corpos. Barba e cabelo constantemente são ajeitados, com o auxílio do aparelho celular. Tranças, Blacks e coloração chamam a atenção pela forte recorrência.

Figuras 4, 5, 6: Modelos com corpos tatuados e corpos gordos com a sunga Closet



Fonte: <https://www.instagram.com/sungacloset/>, 2023.

A praia é democrática e não somente os malhados (sarados ou não) se fazem presente. Corpos gordos trazem o pelo como estratégia de sedução. Turistas também costumam se agregar ao grupo, muitos utilizando a marca baiana, mas com corpos vermelhos marcados pelo sol, ao contrário do grupo, que está com o bronzeado em dia, orgulhosamente exibido ao trajar um tipo menor de sunga.

Acessórios e adereços também são valorizados pelo grupo. É muito comum o uso de óculos escuros e do protetor solar. Encontra-se também o uso de bonés, chapéus e, em menor quantidade, viseiras. É comum o porte de pochetes, bolsas e porta-celulares, objeto este sempre em mãos. Brincos são padrões, assim como pulseiras e cordões artesanais e uso de piercings.

No sofá da Hebe, o uso apenas da sunga, coexiste com as saídas de praia. Geralmente se vê bermudas e shorts curtos, bem acima do joelho, lisos ou estampados, combinando com regatas largas ou camisa leve de botão, além do chinelo de dedo, com domínio da marca Havaianas.

Embora os finais de semana e feriados sejam mais cheios, os lugares são utilizados nos dias de semana. Moradores dos subúrbios e periferias da cidade costumam malhar na Barra e frequentar o espaço após o treino. Há sempre o consumo de algum líquido, com predomínio de água e caipirinha de frutas tropicais.

Cada roda apresenta sua própria playlist musical. Os sons mais frequentes são os hits do momento no âmbito do pagode e do pagão baianos. As queridinhas do público gay se misturam ao ritmo que é de natureza erótica. A dança passa a fazer parte do cenário, mas geralmente apenas os passivos dançam de forma mais performática, reproduzindo coreografias.

O Jogo de Sedução: imitação e distinção

A mais notável marcação de diferença entre o grupo é a preferência de posição sexual, é a partir dela que se inicia o jogo de sedução. Percebemos como atributos de sedução tanto os resultados da academia como os pelos responsáveis pelo caráter animal do homem. Os peludos geralmente são os ativos. É característica demarcada na praia o passivo ser (e mostrar-se) depilado.

A comunicação tribal não começa com a tradicional troca de olhares. Embora o objetivo final seja a concretização de uma conquista, ela não tem pressa tal qual o barquinho de Bôscoli. Em contrapartida, a exibição é constante, da mesma forma como se vê numa

passarela e num palco: se contrai os músculos, apalpa-se o pau, passa a mão nos cabelos, na barriga.

Ali, todos são ‘Cria da Ivete’: ‘Solteira, não / Alegre! / Se tem biritá, a gente bebe/ ‘Tô com as amigas/ Só as gostosas/ As experientes e perigosas// Vira tequila de uma vez/ Não sabe nem o que é ex/ Phd na arte de ferver (sai do chão e diz)// Só virotinho de mestre/ Só virotinho de mestre/ Ah, esquece!// Tudo cria da Ivete// Papá parará/ Papá parará/ Tem gente que senta pra beber/ Aqui nós bebe pra sentar// Ai delícia/ Toda arrepiada/ Quando a gente chega é fogo na revoada/ Todas por uma, umas pelas outras/ Comandando tudo, as donas da porra toda’.

O desejo fim é mesmo ‘botar o Boneco’ na ‘Zona de Perigo’. Há interações sexuais na parte das pedras, todavia não é essa a forma de comunicação objetivada nesta reflexão/observação. Embora numericamente menor, pode-se também encontrar, sobretudo a partir da performance de passivo, em corpos adeptos da estética *camp*, do exagero, da feição, sendo criadores de uma moda *queer* (CAMPOS, 2019).

Observa-se também os sentidos diferentes do uso individual e coletivo da sunga e sua condição de moda. No corpo individual, há diferenças significativas de músculos, pelos, adornos em distintos regimes de pertencimentos. Já o corpo coletivo demonstra uma aceitação e consumo da marca de sunga *Closet*, em ambiente mais próximo ao que se imagina de uma boate do que de uma praia. Sai o barquinho, entra o som de paredão. Em suma, é o que Maffesoli (2005) chama d’a forma faz corpo.

Considerações Finais

Este ensaio monográfico realizou estudo de caso que trazem evidências empíricas que evidenciam o pensamento de Beltrão sobre a folkcomunicação de grupos eróticos-pornográficos, e o de Maffesoli a respeito das tribos urbanas, das aparências e da socialidade homossexual. A acepção mostra que a noção de declínio da individualidade pode ser pensada ainda como explicativa para a nossa contemporaneidade. Da mesma forma que demonstra que embora o corpo seja também midiático, sua necessidade presencial proporciona momentos que são mediados em nível de folkcomunicação.

Há conclusões implícitas ao se pensar a Praia do Porto da Barra e sua relação com a cidade de Salvador. Estar imerso naquele território que tem a bandeira LGBT fincada em uma das barracas é fazer o mesmo questionamento de Fischer (2008): ‘Como o mundo virou gay?’. A sensação é que se passa a habitar um outro mundo que não reflete a violência de uma capital brasileira, como é o caso de Salvador. É como se fosse uma “ilha deserta”. A sensação de segurança é fundamental para o exercício de liberdade corpórea.

O espaço reflete o significado originário do termo GLS. Não se trata de um território exclusivo. Durante o dia, nós gays não somos a maioria fazendo uso daquele espaço público. Mesmo assim, os demais frequentadores do espaço não se mostram desconfortáveis com as vestes apresentadas, nem com as demonstrações de afeto/erotismo. São simpatizantes, ou melhor, simpáticos a LGBTQIA+.

No âmbito da comunicação do corpo foi demonstrado que um atributo sempre vai ser destacado e a sunga potencializa o ‘segredo’ de sedução. A forma como a paquera é construída não são similares aos tradicionais espaços de homossocialidades públicos, privados ou as-

sociativos, tais como saunas, clubes de sexo, cabines de cinema, festas de orgia, parques e banheiros públicos, etc. conforme demonstra, dentre outros, Souza (2012) e Barreto (2017), pois se aproxima da exibição como em uma passarela, em contraponto a discrição que impera nesses espaços; e da pista de dança em que o flerte é demorado e planejado, e não direto e ocasional como descrevem os pesquisadores. Por fim, destaca a sunga como veste de reconhecida identificação a partir do que se quer comunicar no âmbito da performance de gênero. A sunga é a comunicação do narcismo do grupo.

Ainda se destaca que a existência desses corpos neste espaço público constitui-se ainda em forma de resistência LGBTQIAP+ em tempos sombrios. A este respeito, Colling e Silva (2022) discutem a importância dos ‘ativismos das dissidências sexuais’ em performance midiaticizada, a leitura aqui se agrega por mostrar a existência e ocupação do território como espaço de comunicação mediaticizada em nível folkcomunicacional.

Referências

A TANGA DE CROCHÊ DE FERNANDO GABEIRA MARCA O COMPORTAMENTO DOS ANOS 80. **Acervo O Globo**, Fatos Históricos, 04 jul. 2016. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/a-tanga-de-croche-de-fernando-gabeira-marca-comportamento-dos-anos-80-9224227>. Acesso em 08 abr. 2023.

BARRETO, Víctor Hugo S. **Festa de orgias para homens**: territórios de intensidade e socialidade masculina. Salvador: Devires, 2017.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BUTLER, Judith. Corpos que ainda importam. In: COLLING, Leandro (org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: Edufba, 2016.

BRANDÃO, Cristina; FERNANDES, Guilherme M. Na fronteira: identidade, teoria queer e estética camp nas representações teledramatúrgicas. In: MUSSE, Christina; SILVEIRA JR., Potiguara (org.). **Comunicação**: redes, jornalismo, estética e memória. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

CAMPOS, Baga de Bagaceira S. Primeiro, a bixa é bonita, segundo, ela fecha: a dimensão sensível através das vestes de Tikal. In: CIDEIRA, Renata P. (org.). **O belo contemporâneo**: corpo, moda e arte. Aracaju: J. Andrade, 2019.

CIDREIRA, Renata P. **As formas da moda**: comportamento, estilo e artisticidade. São Paulo: Annablume, 2013.

COLLING, Leandro; SILVA, Meg. Resistência LGBTQIA+ em tempos sombrios. In: COLLING, Leandro; SAMPAIO, Adriano (org.). **A cultura em tempos sombrios**. Salvador: Edufba, 2022.

CRUZ, Gabriela. Closet Clothing inaugura loja em Feira de Santana. **Correio**, Correio afro, Salvador, 31 out. 2022. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/closet-clothing-inaugura-loja-em-feira-out-de-santana/>. Acesso em 09 abr. 2023.

FISCHER, André. **Como o mundo virou gay?** Crônicas sobre a nova ordem sexual. São Paulo: Ediouro, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LOURO, Guacira. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. Homossocialidade: da identidade às identificações. **Bagoas**, ano 1, v. 1. Natal, EdUFRN, p. 1-10, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2250/1683>. Acesso em 08 abr. 2023.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MIRANDA, Fernanda. Leila Diniz, a jovem que contestou o machismo nos anos 60. **Catraca Livre**, Cidadania. 20 mar. 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/leila-diniz-jovem-que-contestou-o-machismo-nos-anos-60/>. Acesso em 08 abr. 2023.

PRAIA DO PORTO DA BARRA. **Guia Gay Salvador**, Roteiro LGBT, sem data. Disponível em: <https://www.guiagaysalvador.com.br/roteiro/points/praiadoporto-da-barra#/0>. Acesso em 08 abr. 2023.

RÜDIGER, Francisco. Mídia e cultura: a Antropologia da Comunicação depois de Schaden. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme M (org.). **Pensamento comunicacional brasileiro**: o legado das Ciências Humanas. Vol.2: Cultura e Poder. São Paulo: Paulus, 2015.

SCHADEN, Egon. A Antropologia da Comunicação e a cultura eurotropical no Brasil. In: MARQUES DE MELO, José; FERNANDES, Guilherme M (org.). **Pensamento comunicacional brasileiro**: o legado das Ciências Humanas. Vol.2: Cultura e Poder. São Paulo: Paulus, 2015.

SOFÁ DA HEBE. **Guia Gay Salvador**, Roteiro LGBT, sem data. Disponível em: <https://www.guiagaysalvador.com.br/roteiro/points/sofa-da-hebe#/0>. Acesso em 08 abr. 2023.

SOUZA, Tedson. **Fazer banheiro**: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e adjacências. 2012. 118f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

WOITOWICZ, Karina J.; FERNANDES, Guilherme M. Folkcomunicação e Estudos de Gênero: práticas de comunicação nos grupos homossexuais. **Chasqui** - Revista Latinoamericana de Comunicación. Quito, Equador, Ciespal, nº 135, agosto-noviembre 2017. Sección Ensayo, p. 233-252. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/bitstream/10469/13251/1/REXTN-Ch135-15-Janz.pdf>. Acesso em 08 abr. 2023.